

Para governo, impasse com FMI é técnico

Helival Rios

Arnildo Schulz 16.12.91

As correções que estão sendo feitas nos rumos das negociações entre o governo brasileiro e o Fundo Monetário Internacional (FMI) são de natureza técnica e não de natureza política. Com este diagnóstico, assessores do ministro Marcílio Marques Moreira, da Economia, disseram ao *Jornal de Brasília* que o atraso no exame da carta de intenções brasileira pelo board do Fundo, está longe de comprometer as expectativas de normalização do relacionamento do País com a comunidade financeira internacional, coisa que deverá ocorrer ainda no primeiro trimestre deste ano.

Segundo os assessores do ministro encarregados do acompanhamento do assunto, continuam sendo boas as expectativas oficiais de um bom desfecho nas negociações do governo, nas três principais frentes externas, quais sejam com o FMI, com o Clube de Paris (entidade que reúne os principais governos dos países desenvolvidos) e com os bancos privados estrangeiros.

Uma vez consolidada a normalização desse relacionamento do Brasil com a comunidade financeira internacional, o ministro Marcílio Marques Moreira espera dar início a um novo ciclo de entendimento com o resto do mundo, cujo destaque principal será a reconversão do Brasil num dos mais importantes pólos de atração de novos capitais de todo o mundo, superando o Leste Europeu, os "Tigres Asiáticos", igualando-se e até mesmo superando o México.

Se forem consideradas todas as formas de captação de recursos externos (investimentos diretos, colocação de bônus, *commercial papers* e outros títulos e aplicações diretas em bolsa), o Brasil poderá captar este ano mais de US\$ 11 bilhões, segundo as estimativas feitas no Ministério da Economia, o mesmo valor captado pelo México no ano passado. Superar esta expectativa, contudo, é algo que poderá acontecer, segundo afirmam assessores do ministro Marcílio, a depender da conjuntura econômica, notadamente do combate à inflação.

Caso o governo consiga, de fato, colocar a inflação brasileira numa tendência declinante e caso consiga, ainda, no primeiro trimestre deste ano, normalizar completamente o relacionamento do País com a comunidade financeira internacional, haverá uma onda de novos recursos externos rumo ao Brasil, coisa que vai contribuir de forma significativa, tanto para que ocorra mais rápido um processo de

modernização da indústria brasileira, como também para que seja retomado o processo de crescimento da economia que, dentro de no máximo dois anos, deverá retornar aos históricos níveis entre 5 e 7%.

Inquietação

O rápido desenrolar dos acontecimentos no Brasil, no que se refere a conjuntura econômica, tem sido, na verdade, um foco de permanente preocupação entre os organismos internacionais que ora negociam com o País, notadamente entre os dirigentes do FMI, Clube de Paris, Banco Mundial (Bird) e Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID).

O comportamento arreado do Congresso Nacional e a queda de popularidade do presidente Collor, segundo se comenta na área técnica do Ministério da Economia, são também outros fatores negativamente preocupantes para quem acompanha de fora a conjuntura brasileira.

Esta preocupação, conforme se diz no Ministério da Economia, tem plena razão de ser, pois os fatos a ela relacionados podem dificultar o êxito do processo de estabilização econômica buscado pela política traçada pelo ministro Marcílio Marques Moreira, que se fundamenta no receituário testado e aceito pelos organismos internacionais.

A conjuntura econômica e política brasileira, segundo se comentava ontem no Ministério da Economia, cabe perfeitamente dentro das alegorias preferidas do ex-ministro José Maria Alkimin que dizia ser a política como nuvem. Olha-se num momento e vê-se um castelo. Segundos depois, a figura desenhada pode ser a de um camelo.

Essa rapidez nas mudanças conjunturais brasileiras cria dificuldades técnicas para a realização dos acordos internacionais. Entretanto, segundo afirmam assessores do ministro Marcílio, a disposição de fechar o mais rapidamente possível um acordo com o Brasil, da parte do FMI, do Clube de Paris e dos bancos estrangeiros, continua a mesma. Mas como a realidade muda, os arrazoados técnicos dos acordos, têm também de sofrer mudanças. Se houvesse, contudo, um maior entendimento entre o Congresso e o Executivo e um menor "bombardeamento" de algumas elites contra a imagem do Presidente da República, todos esses acordos externos, imprescindíveis para que o Brasil saia da crise em que se encontra, andariam bem mais rápido.



Marcílio disse que o relatório incluirá o impacto dos 147% para aposentados e será entregue 3ª